

História e Protagonismo: africanidade, cultura histórica e ensino de história no movimento social negro (1944-1988).

Danilo Santos da Silva
Mestrando em história (UFPB/PPGH)
daniolohistoria@hotmail.com

Palavras-chaves: Protagonismo negro; Cultura histórica e Ensino de história.

O trabalho tem o objetivo estudar como população negra através do movimento social estabeleceu o encontro entre historiografia e ativismo, com vista à construção de novas representações para o ensino de história em contraposição à historiografia tradicional. Essa população procurou sistematizar a articulação entre o processo e a produção histórica, sendo ao mesmo tempo agente que transmite e que recebe o conhecimento.

Na busca pela significação de suas representações no campo da história, criou a oportunidade de adquirir, produzir e compartilhar conhecimentos sobre a experiência acumulada durante a sua trajetória de resistência, possibilitando ações educativas no campo da história que resultou na implantação de programas de educação para a cidadania, envolvendo grupos dos movimentos negros e outros setores da sociedade (associações comunitárias, municípios, estados e união).

Para tanto, o trabalho estará assentado teoricamente no campo da história cultural, inserido no que os especialistas vêm chamando de produção social da democracia republicana e da cidadania étnico-racial. A história cultural proporcionou uma “virada cultural” nos estudos históricos (Burke, 2005). Essa virada causou transformações importantes que possibilitaram emergir novas interpretações, que não só estavam na periferia, como também, contribuíram e contribuem para quebra de paradigmas do conhecimento histórico.

Essa nova perspectiva de interpretação cultural, é fundamental para a compreensão da função prática do saber histórico, de como a racionalidade pode ser reforçada através do contato do indivíduo ou de determinado grupo com o saber e com a experiência histórica. O saber histórico se apresenta como fator relevante para orientação da vida prática, tendo a formação historiográfica como modo prático de operar a consciência histórica, que nem sempre fica a cargo do historiador, fomentando o que se convencionou chamar de cultura histórica.

Nesse sentido, concordamos com Jörn Rüsen, que entende a cultura histórica como um campo onde os potenciais de racionalidade do pensamento histórico atuam na vida prática, ou seja, o especificamente histórico tem um lugar próprio e peculiar no quadro cultural de orientação da vida humana (2007, p.121).

A cultura histórica se apresenta para determinados grupos como mecanismo de orientação do tempo e da constituição da identidade. Como formadora de saberes na luta pelo reconhecimento e valorização de suas identidades históricas na constituição da vida prática desses grupos no mundo social no qual estão inseridos.

Dessa forma, este trabalho está inserido no processo de perceber a produção e os produtores dos bens simbólicos afro-brasileiros a partir de suas identidades relacionadas e marcadas pela diferença, na perspectiva de se contrapor ao racismo à brasileira (Woodward, 2000, p. 8-10; Nascimento, 2003, pp. 51-58).

Ou seja, se desenvolveu a partir do corte temporal de 1944 a 1988, que representa o momento mais vigoroso do movimento social negro contemporâneo, que gestou três campos de luta política e simbólica que resultaram na atual conjuntura dos movimentos

quilombolas e nas ações afirmativas, no que Flores denominou de gerações quilombistas (p.109,2008): a Frente Negra Brasileira (1931-1937), o Teatro Experimental do Negro (1944-1968) e o Movimento Negro Unificado (1978).